

Lourdes Colombo

A volúpia da cor



Casa Contemporânea

Curadoria: Marcelo Salles

27 de maio → 24 de junho de 2023

Do que é feita uma pintura? – uma frase célebre diz que ela seria, antes de tudo, uma superfície plana coberta com tinta e disposta com uma certa ordem¹. Também já foi dito que ela seria composta de condições e relações sociais e, portanto, poderia ser analisada a partir disto². Entre a materialidade e o imaterial, uma pintura pode ser feita daqueles componentes, mas também pode ser feita de tempo. Justamente o tempo; aquele que todos sabem do que se trata, mas do qual a definição nos escapa. Assim como ele próprio.

...

Para esta exposição que marca o retorno da artista Lourdes Colombo ao circuito de exposições (de forma individual), o foco são suas pinturas recentes de caráter, digamos, abstratas. A criação de um diálogo com sua produção anterior, todavia, é necessária para percebermos as muitas camadas que estão presentes numa obra de arte contemporânea.

No final dos anos 90, Colombo estava em plena produção com exposições significativas e que traziam uma abordagem feminista quanto às linguagens fotografia, instalação, pintura e principalmente, performance. Nessas linguagens, em sua poética, a artista já trazia o corpo feminino como palco de embates em uma sociedade da imagem e do espetáculo, num mundo que se afigurava intenso, mas com cada vez menos espessura. Essa representação era feita de forma direta, figurativa (nas pinturas) ou como imagem (nos registros das performances). Quase duas décadas depois a artista sabe que as questões que ela discutia ainda continuam pertinentes (talvez até mais); porém aquilo que se apresentava como uma tentativa de “espessar” a discussão se efetivou de maneira clara: seus trabalhos ganharam densidade. Eles não são mais tão diretos e paradoxalmente podem ter com o espectador um diálogo que estimula o pensamento e elabora questões sobre aquilo que está diante de nós. Penso que isto seja mais efetivo não porque Colombo tenha, aparentemente, abandonado suas premissas ou alterado radicalmente seu fazer artístico. Ela ainda continua se valendo do corpo, seu corpo, como meio (como na recente série “Corpo Velado”, de fotos P&B), mas é como se este corpo migrasse para o “corpo” do quadro. Suas cores continuam mantendo a relação sedutora e voluptuosa que antes eram mais presentes nas performances, mas

1 - A frase do pintor Maurice Denis (1870-1943) é: “lembre-se que uma pintura antes de ser um cavalo de batalha, uma mulher nua ou um tipo de anedota, é essencialmente, uma superfície plana coberta com tinta disposta numa certa ordem”

2 - Jean-Marie Guyau (1854-1888), citado por Ortega y Gasset (1883-1955) in “A desumanização da arte”, ed. Cortez - São Paulo, 1999, pg. 19.

agora elas se apresentam nas pinturas mantendo a relação com cores associadas ao universo da maquiagem e, como nas performances, a pressão sobre a condição feminina: a ditadura da beleza, a luta pelo espaço profissional e social, o medo do envelhecimento. A artista responde a essas pressões de forma inusitada se valendo da linguagem pictórica; são fatores que tornam sua pintura marcante sem abrir mão do caráter estético. Ancoradas na volúpia das cores que utiliza, reforçada pela carnalidade da tinta à óleo; a disputa pelo espaço da tela com suas contaminações, camadas que emergem e relações cromáticas inusitadas; e a incorporação do tempo através de dois procedimentos difíceis de serem levados para a pintura, mas intimamente ligados, que são o ritmo e a serialização.

...

Há dois componentes na pintura: um de caráter imaterial que é a forma; outro que é concreto, a cor.

Pode parecer estranho dizer que a “forma” na pintura é imaterial. Isto se dá porque para percebermos a forma (numa pintura, num desenho, numa escultura) ela precisa tornar-se visível; a capacidade associativa de nosso raciocínio vai possibilitar que um pensamento, uma concepção abstrata de algo, tome forma, reconhecível ou não, quando antes ele apenas habitava o universo das ideias e era individual. Mesmo quando falamos de uma ideia, de um pensamento, para outra pessoa ela ainda não tomou forma, apenas perdeu seu caráter individual; quando nos mostram uma pintura, uma forma concebida de maneira individual é compartilhada.

Durante a maior parte do tempo da história da arte ocidental, a cor esteve à reboque da forma. Uma paisagem, um retrato, uma cena cotidiana, eram concebidos como simulação da realidade e a cor seu importante complemento. É na arte moderna que essa relação se inverte. Uma árvore pode ser azul, um rosto roxo, verde e amarelo ou simplesmente, não corresponderem a nenhum elemento reconhecível. A cor passa, frequentemente, a trazer a forma junto de si. Ela passará a ser preponderante na geração do prazer dos sentidos e das sensações.

...

O hiato que se abate sobre a carreira de artistas mulheres, exatamente como interrupção de uma continuidade esperada, é muito comum em nossa sociedade. Normalmente estas acabam sucumbindo às dificuldades, hipocrisias e aquela pouca espessura, já citada e muito presente, no mundo da arte (como se outras não houvessem...). Que artistas como Lourdes Colombo retomem sua trajetória sem abrir mão da coerência e do respeito por sua arte seria, por si só, louvável. Quando fazem isso de uma maneira onde estética e engajamento andam juntas, nosso olhar deve retardar o tempo presente para permitir ao pensamento que ele se conecte com as sensações e experiência que, porque não? – podem ser prazerosas.

Marcelo Salles – Maio de 2023